
Jornalismo e inteligência artificial: um estado da arte da produção acadêmica entre 2020 e 2024¹

Carolina Leonel dos Santos Silva²

Kérley Winques³

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Resumo

Este artigo investiga a produção acadêmica brasileira sobre jornalismo e inteligência artificial entre 2020 e 2024. Com base na metodologia do Estado da Arte, foram analisadas teses e dissertações disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e no Catálogo da Capes, utilizando descritores como “jornalismo”, “automação” e “inteligência artificial”. A análise de oito trabalhos revelou a predominância de abordagens qualitativas, com foco em três eixos: jornalismo automatizado, algoritmos e métricas, e dilemas éticos. O estudo aponta lacunas relacionadas à subjetividade profissional, impactos organizacionais, identidade profissional, direitos autorais e governança.

Palavra-chave: Jornalismo; inteligência artificial; produção acadêmica; tendências de pesquisa.

Introdução

A incorporação da Inteligência Artificial (IA) no jornalismo segue em curso nas redações da América Latina, com ritmos distintos entre os países. O relatório *Journalism, Media, and Technology Trends and Predictions 2024*⁴ observa que os veículos latino-americanos têm demorado mais a se adaptar à chegada da IA e, por isso, estão menos preparados para lidar com os efeitos dessa transformação. Paralelamente, pesquisadores também buscam compreender os efeitos dessa tecnologia no jornalismo.

O que se consolida, no entanto, é a percepção de que a IA levanta desafios éticos, epistemológicos e profissionais, despertando crescente interesse na comunidade acadêmica. Esse interesse se intensifica diante da ascensão da IA generativa, que amplia os debates sobre automação, métricas, algoritmos e os impactos sociotécnicos na produção e circulação da informação. Conforme aponta Prestes (2024), pesquisas

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCom/UFJF). Pesquisadora do Núcleo de estudos das mediações simbólicas e materiais das tecnologias digitais (Assimetrias/UFJF/CNPq). E-mail: carolina.leonelsantos@gmail.com.

³ Professora na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCom/UFJF). Coordenadora do Núcleo de estudos das mediações simbólicas e materiais das tecnologias digitais (Assimetrias/UFJF/CNPq). E-mail: ker.winqes@gmail.com.

⁴ Disponível em: <https://bit.ly/3G7ihJR>. Acesso em: 18 jun. 2025.

recentes da chamada “primeira onda” confirmam que o jornalismo atravessa novo momento. Para o autor, a primeira etapa foi marcada pelo mapeamento das práticas. Ainda que ele não delimite um período específico, a ideia se articula com os estudos de Diakopoulos (2019) e Carlson (2015), que abordam o impacto de novas tecnologias na produção jornalística principalmente entre 2014 e 2020. O desafio atual seria avançar rumo a uma “segunda onda”: estudar os efeitos desse novo cenário.

A análise apresentada neste artigo parte desse diagnóstico. Nota-se, a partir do corpus deste trabalho, que a discussão acadêmica sobre IA e jornalismo no Brasil ainda está em consolidação. Tal afirmação se dá após mapeamento realizado, que busca entender como a relação entre jornalismo e IA tem sido abordada na produção acadêmica brasileira, especificamente no recorte de teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em comunicação e jornalismo entre os anos de 2020 e 2024. A escolha do período se justifica pela atualidade do debate e pelo contexto de expansão da IA generativa, que, especialmente a partir de 2022, com o lançamento do ChatGPT, amplia as discussões públicas e profissionais sobre seus usos e efeitos.

Para compor o corpus da análise, foram mapeados, entre janeiro de 2020 e dezembro de 2024, trabalhos disponíveis no portal da Capes e na BDTD com descritores ligados ao jornalismo e à inteligência artificial. O levantamento resultou em oito trabalhos válidos (quatro dissertações e quatro teses), excluindo outros dois por não estarem vinculados a programas de pós-graduação em comunicação ou jornalismo. Os dados levantados revelam algumas tendências importantes. Entre os temas mais recorrentes estão as discussões sobre jornalismo automatizado, uso de algoritmos, impactos da plataformização e dilemas éticos relacionados ao jornalismo metrificado. Por outro lado, questões como regulação da IA, impactos do seu uso no trabalho, reorganização das identidades profissionais e transformação da mediação jornalística aparecem de forma incipiente. A partir disso, este artigo busca oferecer um panorama que destaque tanto as abordagens predominantes quanto os espaços em aberto.

IA, jornalismo e plataformização

Considerando que a técnica não é neutra, a relação entre jornalismo e inteligência artificial demanda uma abordagem teórica que vá além da compreensão instrumental da tecnologia. É necessário situar essa discussão dentro de uma perspectiva

crítica, que reconheça o jornalismo como um campo social (Neveu, 2005; Traquina, 2020), atravessado por disputas simbólicas, econômicas e tecnológicas, e como uma prática profissional que se reorganiza frente aos processos de plataformação.

Entretanto, mudanças trazidas pela incorporação da inteligência artificial podem deslocar elementos e conceitos, refletindo nas fronteiras do campo. É nessa brecha que a atual investigação pretende se inserir. Portanto, além da noção de campo, é importante considerar os processos de mediação jornalística (Traquina, 2020), entendidos não como simples transmissão de informação, mas como construções sociais e simbólicas da realidade (Berger; Luckmann, 2004). A IA, nesse contexto, parece emergir como um novo agente de mediação (Winques, 2024), capaz de intervir nos processos de seleção, hierarquização, produção e circulação da informação.

Além disso, a partir da segunda década dos anos 2000, o jornalismo passou a operar cada vez mais imbricado às lógicas de plataformas digitais, algoritmos e sistemas automatizados. Esse processo, conceituado como plataformação da comunicação (van Dijck; Poell; de Waal, 2018), redefine não só os fluxos informacionais, mas também as rotinas produtivas, os critérios editoriais e os próprios modelos de negócio do jornalismo, seguindo a lógica do capitalismo de plataforma (Srnicek, 2017).

Nesse contexto, as redações operam sob intensa pressão de métricas, dados e algoritmos, o que impacta diretamente as decisões editoriais, as formas de mediação com os públicos e as funcionalidades dos jornalistas (Kalsing, 2021; Prestes, 2024). Kalsing (2021), por exemplo, propõe o conceito de “jornalista metrificado”, que descreve o profissional submetido à lógica da vigilância algorítmica, às métricas de desempenho e à pressão constante por resultados quantificáveis. Embora a autora não trate diretamente da IA, sua reflexão sobre a plataformação do trabalho jornalístico oferece uma chave de leitura importante para pensar como a automação e os sistemas inteligentes também se inscrevem nesse cenário de controle, reconfiguração subjetiva e redefinição dos parâmetros do que é ser jornalista.

Além das dimensões estruturais e laborais, a discussão ética sobre o uso da IA no jornalismo deve ser retomada. As reflexões de autores como Bucci (2000) sobre a crise da credibilidade jornalística em tempos de plataformação, algoritmos e desinformação ajudam a entender os dilemas que surgem quando processos de mediação passam a ser compartilhados entre humanos e máquinas. Questões como

transparência, *accountability* (van Dijck; Poell; de Waal, 2018), governança (Gorwa, 2019) e responsabilidade sobre o conteúdo produzido por IA tornam-se centrais.

Metodologia e apresentação dos descritores

Este artigo adota a metodologia do Estado da Arte (EA), cujo objetivo é mapear, sistematizar e analisar a produção científica existente em determinado campo, permitindo não apenas identificar tendências, mas também reconhecer lacunas teóricas, metodológicas e temáticas (Santos *et al.*, 2020). Para Santos *et al.* (2020), o estado da arte não se limita a uma revisão bibliográfica, assumindo um caráter crítico e interpretativo, capaz de oferecer uma visão panorâmica de um tema dentro da produção acadêmica. Assim, a metodologia é relevante por organizar criticamente a produção acadêmica, permitindo analisar a literatura e indicar caminhos para seu avanço.

O levantamento foi realizado entre os dias 19 e 21 de maio de 2025, a partir da busca nas bases da BDTD e do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Foram utilizados como descritores os termos: “jornalismo” e “jornalista”, associados a expressões relacionadas à inteligência artificial, como “automação”, “algoritmo”, “inteligência artificial”, “IA generativa”, “métricas”, e “jornalismo automatizado”. A definição dos descritores seguiu como referência as escolhas metodológicas de autores como Sousa e Fontes (2024), que apontam que os termos “automação”, “algoritmo” e “jornalismo automatizado” aparecem com recorrência na produção acadêmica recente. A seleção também encontra respaldo nos trabalhos de Ioscote (2021), Kalsing (2021) e Vicente e Flores (2021). Os autores reforçam que essas expressões se consolidam como núcleos conceituais na intersecção entre jornalismo e tecnologias digitais.

A busca teve como critério de inclusão trabalhos acadêmicos defendidos no Brasil, no período de 2020 a 2024, que tratassem da relação entre jornalismo e inteligência artificial ou temas afins. Após a coleta, os dados foram organizados em uma planilha contendo as seguintes variáveis: título do trabalho, ano de publicação, nome do autor(a), instituição, resumo, palavras-chave, tema central, abordagem teórica e metodologia utilizada. O intuito foi elaborar um texto de Estado da Arte, que seguiu uma abordagem qualitativa, de caráter interpretativo, para a compreensão não apenas dos temas mais frequentes, mas também as possibilidades que se desenham no campo acadêmico brasileiro acerca do tema de interesse da presente pesquisa.

Portanto, esse processo foi realizado em quatro etapas: *i)* Definição da base de dados (Capes e BDTD) e do período de análise (2020 a 2024); *ii)* Buscas sistemáticas: com os seguintes descritores: “jornalismo” e “jornalista”, associados a expressões relacionadas à inteligência artificial, como “automação”, “algoritmo”, “inteligência artificial”, “IA generativa”, “métricas”, e “jornalismo automatizado”. Os termos poderiam estar no título, no resumo ou nas palavras-chave; *iii)* Coleta dos dados: as buscas resultaram em oito trabalhos. O material foi baixado dos sistemas e sistematizado em uma planilha excel, que organizou os documentos por ordem decrescente do ano de publicação e indicava informações como: título do trabalho, ano de publicação, nome do autor(a), instituição, resumo, palavras-chave, tema central, abordagem teórica e metodologia utilizada; *iv)* Análise dos dados: os oito trabalhos serviram como base da análise quali-descritiva para identificar as tendências de pesquisa. A partir dessas etapas é que a análise a seguir se embasa.

Análise dos dados

A análise do corpus, composto por quatro teses e quatro dissertações defendidas no Brasil entre 2020 e 2024, permite observar um campo de investigação que se encontra em processo de consolidação. O mapeamento realizado revela não apenas os temas mais recorrentes, mas também os referenciais teóricos predominantes, os recortes metodológicos adotados e as lacunas na produção acadêmica sobre jornalismo e IA.

No que se refere à evolução temporal da produção acadêmica, os dados apontam para um crescimento progressivo, embora ainda restrito. A partir de 2020, observa-se uma curva ascendente mais consistente, especialmente com tendência de aumento em 2023 e 2024 (Tabela 1). O crescimento parece estar diretamente relacionado à intensificação dos debates públicos e acadêmicos sobre jornalismo automatizado e inteligência artificial, especialmente a partir da popularização da IA generativa e da ampliação da adoção de ferramentas automatizadas nas redações jornalísticas. Além disso, há concentração da discussão nas regiões Sudeste e Sul do país (75%).

Tabela 1: Síntese do corpus de análise.

Título	Autoria	Ano	Tipo de trabalho	Região	Universidade
Dilemas éticos de jornalistas brasileiros no jornalismo metrificado	Marcel Hartmann Prestes	2024	Dissertação	Sul	UFRGS
Algoritmos e humanos, parceiros de redação: a cobertura do portal G1 nas eleições municipais de 2020	Matheus Costa Nunes	2023	Dissertação	Sul	UFSC
Jornalismo automatizado: inteligência artificial e robôs nas redações das organizações jornalísticas	Laura Rayssa de Andrade Cabral	2022	Dissertação	Nordeste	UFPB
Jornalismo em vídeo gerado por inteligência artificial: narrativas e credibilidade	Silvio Barbizan	2021	Tese	Sul	PUC-RS
Reportagem Investigativa sobre os Sistemas de Decisões Automatizadas	Krishma Anaísa Coura Carreira	2021	Tese	Sudeste	Metodista-SP
Credibilidade jornalística no Regime de informação mediado pelo algoritmo	Daniel Lima Magalhães	2021	Dissertação	Nordeste	UFPB
Jornalistas metrificados e a plataformização do jornalismo	Janaina Kalsing	2021	Tese	Sul	UFRGS
Too Big to Boycott: Jornalismo e as disputas pelo poder de informar	Claudia Maria Monteiro Montenegro	2020	Tese	Sudeste	PUC-Rio

Fonte: Elaboração das autoras.

No que se refere às temáticas predominantes, observa-se uma concentração que se distribui, de forma geral, em três eixos. O primeiro diz respeito às discussões sobre jornalismo automatizado, geração de linguagem natural (GLN) e uso de bots e sistemas de automação. Esse tema aparece em trabalhos como os de Nunes (2023), Cabral (2022) e Barbizan (2021), que analisam desde a implementação de agentes automatizados até os impactos desses sistemas na produção de notícias. O segundo diz respeito às discussões sobre plataformização, algoritmos e métricas. Trabalhos como os de Prestes (2024), Kalsing (2021), Montenegro (2020) e Magalhães (2021) analisam os impactos da lógica algorítmica nas rotinas produtivas, nos critérios editoriais e na organização do trabalho nas redações. O terceiro concentra-se nas questões éticas e de credibilidade associadas ao uso de sistemas automatizados, algoritmos e, mais recentemente, inteligência artificial. Trabalhos como os de Prestes (2024), Magalhães (2021) e

Carreira (2021) refletem sobre os dilemas éticos, os desafios para a credibilidade jornalística e os riscos da delegação de processos decisórios a sistemas automatizados.

A análise dos referenciais teóricos mobilizados permite observar uma concentração em três vertentes. A primeira inclui estudos da sociologia do jornalismo e da comunicação, com autores como Pierre Bourdieu, Érik Neveu, Nelson Traquina, Leonel Aguiar e Marcia Benetti. Esses autores são acionados e se repetem em alguns trabalhos. A segunda vertente diz respeito aos estudos sobre plataformização, capitalismo de plataforma e mediação algorítmica, com destaque para autores como José Van Dijck, Thomas Poell, Martijn de Waal, Nick Srnicek, Shoshana Zuboff e Nicholas Diakopoulos. Esses referenciais permitem a compreensão sobre como as plataformas digitais impactam as rotinas jornalísticas, os processos produtivos e os modelos de negócios. A terceira vertente é composta pelos estudos sobre trabalho, subjetividade e comunicação, articulando reflexões da sociologia do trabalho com os estudos sobre plataformização do jornalismo. Nesse grupo, destacam-se autores como Roseli Fígaro e Rafael Grohmann e Janaína Kalsing, que discutem como a plataformização reorganiza as condições de trabalho, impacta a subjetividade dos profissionais e redefine as fronteiras do jornalismo enquanto prática social.

Metodologicamente, observa-se uma predominância de abordagens qualitativas. Grande parte dos trabalhos se apoia em entrevistas com jornalistas, análise de casos específicos envolvendo bots ou sistemas de automação, além da análise de documentos, discursos e normativas. São raros os estudos que incorporam metodologias quantitativas ou abordagens comparativas. Não foram identificadas pesquisas que explorem a recepção dos públicos ou que realizem etnografias dentro das redações.

A partir da análise do corpus, é possível identificar lacunas de pesquisa importantes na produção acadêmica brasileira sobre jornalismo e inteligência artificial. A primeira diz respeito à ausência de estudos que explorem de forma aprofundada os impactos da IA sobre a subjetividade dos jornalistas, sobre sua identidade profissional e sobre o *ethos* da profissão. Embora trabalhos como o de Kalsing (2021) avancem na análise da plataformização e do jornalista metrificado, a discussão sobre IA aparece de forma periférica ou ainda não estruturada nesse recorte.

Outra lacuna é a escassez de pesquisas que analisem o impacto institucional e organizacional da IA dentro das redações brasileiras. Não há, até a data do

levantamento, no período considerado, investigações que explorem como as empresas jornalísticas estão incorporando a IA em seus processos de trabalho, nem como essas mudanças impactam fluxos produtivos, processos decisórios, dinâmicas de poder e relações entre diferentes setores das redações. A questão da formação profissional e das competências exigidas dos jornalistas na era da IA também aparece de forma incipiente. Da mesma forma, temas relacionados à governança da IA, *accountability* algorítmica e desafios regulatórios são abordados apenas de maneira tangencial.

Por fim, observa-se uma brecha no que diz respeito à análise da recepção, da percepção pública e do contrato de leitura associado aos conteúdos jornalísticos mediados ou produzidos por sistemas de inteligência artificial. Também não foram localizadas discussões sobre os impactos epistemológicos da IA na construção da realidade jornalística, nos critérios de noticiabilidade e nas categorias fundamentais que estruturam o fazer jornalístico. Diante desse cenário, é possível afirmar que a produção acadêmica brasileira sobre IA e jornalismo se encontra em processo de construção e consolidação. Ainda que avance na análise das aplicações da automação, dos impactos da plataformização e dos dilemas éticos associados ao uso de tecnologias no jornalismo, ainda são necessários aprofundamentos que articulem os impactos da IA às dimensões subjetivas, simbólicas, epistemológicas e socioprofissionais da prática jornalística.

Considerações finais

A partir do mapeamento apresentado neste artigo, foi possível construir um panorama dos debates colocados à mesa pelos trabalhos acadêmicos nos últimos anos. O resultado evidencia que grande parte das pesquisas se concentra em três grandes eixos: a) jornalismo automatizado, geração de linguagem natural e uso de bots; b) impactos da plataformização, algoritmos e métricas sobre as rotinas jornalísticas; e c) discussões sobre ética e credibilidade na interseção entre jornalismo e sistemas automatizados. Embora esses temas sejam fundamentais para compreender as transformações contemporâneas, observa-se ainda pouca atenção às dimensões estruturais, subjetivas e epistemológicas da relação entre IA e jornalismo.

No levantamento, também não foram identificadas discussões sobre disputa por direitos autorais e de propriedade intelectual, aspectos que, conforme concluiu o relatório recém-publicado do *Tow Center* sobre jornalismo e IA (Brown e Jąźwińska,

2025), devem ser “o desconhecido que lança sombra sobre todos os aspectos do cenário atual” (p. 78, tradução livre) sobre o campo. Também estão praticamente ausentes as discussões sobre regulação, governança da IA e percepção pública dos conteúdos produzidos ou mediados por sistemas automatizados. Nesse sentido, as principais áreas para investigações futuras parecem estar ligadas a estudos do que seria a “segunda onda” (Prestes 2024), sobre os efeitos e implicações do uso da IA generativa.

Nesse sentido, emergem como caminhos possíveis para pesquisas futuras: aprofundar a análise sobre o uso da IA no trabalho jornalístico e na identidade profissional; investigar como as redações brasileiras institucionalizam o uso da IA; refletir sobre as implicações epistemológicas das mediações algorítmicas (Winques, 2024); e ampliar o debate sobre ética, governança, regulação da IA e direitos autorais e propriedade intelectual no campo jornalístico. Ao mapear a produção acadêmica recente, este artigo contribui com a construção de uma agenda de pesquisa que discuta estas temáticas, fortalecendo as reflexões sobre as transformações do jornalismo.

Referências

AGUIAR, Leonel Azevedo de; RODRIGUES, Cláudia. Ser jornalista na contemporaneidade: uma contribuição aos estudos da profissão. **REBEJ**, v. 7, p. 301-316, 2017.

BARBIZAN, Sílvio. **Jornalismo em vídeo gerado por inteligência artificial: narrativas e credibilidade**. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 24ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2004.

BROWN, Peter; JAŻWIŃSKA, Klaudia. Journalism Zero: How Platforms and Publishers Are Navigating AI. New York: **Tow Center for Digital Journalism**, May 2025. Disponível em: <https://bit.ly/3HMH9Y>. Acesso em: 16 jun. 2025.

CARLSON, Matt. The robotic reporter: automated journalism and the redefinition of labor, compositional forms, and journalistic authority. **Digital Journalism**, v. 3, n. 3, p. 416-431, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/45x4E14>. Acesso em: 18 jun. 2025.

CARREIRA, Krishma Anaísa Coura. **Reportagem investigativa sobre os sistemas de decisões automatizadas**. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2021.

COOLS, H.; DIAKOPOULOS, N. Uses of Generative AI in the Newsroom: Mapping Journalists’ Perceptions of Perils and Possibilities. **Journalism Practice**, 1-19, 2024.

CABRAL, Laura Rayssa de Andrade. **Jornalismo automatizado**: inteligência artificial e robôs nas redações das organizações jornalísticas. 2022. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, João Pessoa, 2022.

DIAKOPOULOS, Nicholas. **Automating the news: how algorithms are rewriting the media**. Cambridge: Harvard University Press, 2019.

IOSCOTE, Fabia C. Jornalismo e inteligência artificial: tendências nas pesquisas brasileiras entre 2010 e 2020. **Novos Olhares**, 10(2), 162-182. 2021.

KALSING, Janaína. **Jornalistas metrificados e a plataformização do jornalismo**. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

MAGALHÃES, Daniel Lima. **Credibilidade jornalística no regime de informação mediado pelo algoritmo**. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, João Pessoa, 2021.

MONTENEGRO, Claudia Maria Monteiro. **“Too big to boycott”**: jornalismo e as disputas pelo poder de informar. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. Porto: Porto Editora, 2005.

NUNES, Matheus Costa. **Algoritmos e humanos, parceiros de redação**: a cobertura do portal G1 nas eleições municipais de 2020. 2023. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

PRESTES, Marcel Hartmann. **Dilemas éticos de jornalistas brasileiros no jornalismo metrificado**. 2024. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

SOUSA, M. E. de; FONTES, A. J. Tendência conceitual para o jornalismo automatizado: uma análise entre 2018 e 2022. **E-Compós**, 27, 2024.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2017.

VICENTE, Paulo Nuno; FLORES, Ana Marta M. Inteligência Artificial e Jornalismo: Temas Emergentes (2015–2020). In: CORREIA, João Carlos; AMARAL, Inês (org.). **De que falamos quando dizemos Jornalismo?** Temas Emergentes de Pesquisa. Covilhã: LABCOM, 2021. p. 175–194.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society**. New York: Oxford, 2018.

WINQUES, Kérley. **Mediações algorítmicas**: articulação entre as dimensões simbólicas e materiais das tecnologias digitais. Florianópolis: Editora Insular, 2024.